

"The great man of the age is the one who can put into words the will of his age, tell his age wath its will is, and accomplish it. What he does is the heart and essence of his age; he actualizes his age" (p. 54).

O autor considera êste último ponto importante porque implica que o historiador deve estudar a sociedade, e através dêste tipo de estudo, melhor entender as ações dos indivíduos. Estudar só os homens de destaque e não suas sociedades não é estudar história.

No capítulo *History, Science and Morality* Carr cita cinco argumentos por parte de cientistas, que afirmam não ser a história uma ciência. Os argumentos são os seguintes: (1) a história trata exclusivamente o singular, mas a ciência o geral; (2) a história não ensina lições; (3) a história é incapaz de prever; (4) a história é necessariamente subjetiva, por ser o homem o objeto de observação; (5) a história, ao contrário da ciência, se envolve em assuntos de religião e moralidade. (p. 62). Além de mostrar que essas objeções não têm fundamento, o autor também demonstra que o papel da história como ciência é muito mal entendido atualmente.

Causation in History é um outro capítulo que vale salientar, sendo que Carr considera o estudo de história como realmente um estudo de causas. A pesquisa histórica deve ser feita em função da pergunta "porque"? O autor trata dos tópicos contravertidos de determinismo e livre arbítrio, responsabilidade moral e causa, mas sempre à luz da pesquisa histórica. História "por acaso", e o "inevitável" também são assuntos que Carr desenvolve nesse capítulo, a multiplicidade de causas sendo um fator que necessariamente deva entrar na discussão.

"But the historian, in virtue of his urge to understand the past, is simultaneously compelled, like the scientist, to simplify of his answers, to subordinate one answer to another, and to introduce some order and unity into the chaos of happenings and the chaos of specific causes" (p. 91).

A duas citações a seguir resumem bem o tema central de *What is History?*

"The past is intelligible to us only in the light of the present; and we can fully understand the present only in the light of the past. To enable man to understand the society of the past, and to increase his mastery over the society of the present, is the dual function of history" (p. 55).

"Only the future can provide the key to the interpretation of the past; and it is only in this sense that we can speak of an ultimate objectivity in history. It is at once the justification and the explanation of history that the past throws light on the future, and the future throws light on the past" (p. 123).

VICTOR VALLA

* *

*

COX (Harvey G.). — *On Not Leaving It to the Snake*, The Macmillan Company, New York, 1967.

Atualmente, Harvey Gallagher Cox Jr., é professor associado da cadeira de "Igreja e Sociedade" na *Divinity School* da Universidade de Harvard. E', também,

associado de pesquisa da *Harvard University Program on Technology and Society*. No início de 1970, o Professor Cox visitou São Paulo e o Rio de Janeiro, quando a tradução para o português do seu livro mais recente foi posta à venda para o público brasileiro (*Que a Serpente Não Decida Por Nós*, Editora Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1970).

On Not Leaving It the Snake continua na mesma linha de pensamento do livro anterior de Cox, *The Secular City*, onde o autor descreve a necessidade da Igreja Cristã tornar-se mais secular e deixar de lado tudo que se relaciona com superstição e mistificação. Embora o assunto em si defira, parece dominar o tema básico do homem livrando-se de uma excessiva dependência de Deus e tornando-se mais responsável por suas decisões.

No Capítulo I, *The Death of God and the Future of Theology*, Cox explica que o ditado popular "Deus é morto", simplesmente indica o colapso de uma visão antiquada de Deus e abre a possibilidade de descobrir o Deus que espera do homem a responsabilidade pelo seu próprio destino na terra. Ao apresentar sua explicação, Cox volta para o Velho Testamento como fonte e provas das suas idéias "radicais". Segundo Cox, o Deus do Velho Testamento e o Cristo do Novo, tentavam livrar o homem da sua absoluta dependência aos ídolos, e ao mesmo tempo, encorajar o homem a assumir seu papel, isto é, ser responsável por seu próprio destino.

Desde que o homem atualmente vive numa sociedade secular, o autor sugere que os cristãos se identifiquem mais com essa sociedade e colaborem na determinação do próprio destino desta sociedade. Cox compara as tentativas de evitar esta colaboração a Adão e Eva censurando a serpente pelo seu fracasso.

As implicações práticas do trabalho do Professor Cox encontram-se dentro das novas formas de ação cristã que estão surgindo em várias partes do mundo. Cox cita como o exemplo mais óbvio a preocupação de muitos cristãos para com a justiça social e a necessidade de participar da política como maneira de provocar mudanças na sociedade.

O autor nota que a Igreja está se tornando rapidamente uma minoria num mundo secular, mudança que traz consigo tarefas menos onerosas, mas, também, menos privilégios. O autor prevê que uma revolução dentro do Cristianismo, muito mais global do que a do século XVI, está surgindo no mundo de hoje, e que a Igreja está perdendo sua imagem de instrutor moral ou de proselitista.

O *Addendum* do livro trata da Alemanha e sua tentativa de fazer reparação pela exterminação nazista de seis milhões de judeus durante a II Guerra Mundial. O Professor Cox salienta o fato do que o Cristianismo deve aceitar muito da culpa pelo genocídio, desde que os cristãos têm sido responsáveis, até certo ponto, pelo avanço do anti-semitismo.

Cox termina seu trabalho comparando o problema dos alemães contemporâneos na luta pela modificação de sua imagem de "assassinos" de judeus perante os Estados Unidos e o povo americano e o problema destes com o racismo.

VICTOR VALLA

